



## A saga do CRUSP

e a jornada  
sem-fim pela  
permanência  
na Universidade



PÁG 8

Intercâmbio:  
expectativa x  
realidade PÁG 4

Cursinho  
AtuaMente  
na PoliSantos PÁG 7

Uma jornada mais  
que inesperada  
PÁG 6

Polinegra:  
o primeiro coletivo  
negro da Poli PÁG 5

Politécnicas: de  
1951 ao batom  
vermelho PÁG 7

Politreco: o  
flautista na raia  
PÁG 11

Engenheirando:  
o disco  
de 5  
dimensões

PÁG 3

## EDITORIAL

No nosso querido Jornal, tentamos estampar um cotidiano exato em um periódico um tanto inexato, a cada 60 rotações do nosso planeta. Afinal, as palavras aqui tropeçam em nossas sinapses equacionadas e se reerguem confusas e únicas em tentativas de textos poéticos, notícias da odisseia de se estudar em uma Universidade pública ou em quentinhas sobre as loucuras dos nossos corredores politécnicos. Entendemos que elaborar um Jornal é um **projeto de Engenharia**: concepção, planejamento, execução das mãos ao lápis, entregas parciais de textos, fechamento da diagramação e a desativação de cada edição (também conhecida como lavar a roupa suja dos nossos erros e acertos). Contudo, estudamos engenharia, fazemos da escrita um projeto, mas não escrevemos sobre Engenharia. Mal conversamos sobre Engenharia. Por quê?

Sim, caros politécnicos e caras politécnicas, confessamos que nos assustamos com essa epifânica realidade. Ensaíamos sobre a cegueira do nosso futuro profissional no nosso cotidiano acadêmico ao nos alienarmos como máquinas de respostas de listas e provas antigas, orquestrando choros por notas e notas por alguma espécie de vida. Nossa Equipe Editorial decidiu, então, reanimar a UTI da incubadora politécnica com textos

sobre Engenharia, um novo projeto d'O Politécnico: **Engenheirando**. Nessa edição, falamos sobre o disco 5D, importante invenção moderna para o futuro da memória da humanidade (olha só: baseada em conceitos simples de sua aula de PMT do ciclo básico).

Ainda nessa edição, sobre memória, destacamos em uma matéria especial a importância e a história do CRUSP, uma saga de luta pela permanência na Universidade, e um trecho de 1951 das únicas 12 politécnicas afirmando seu espaço, como fizeream, hoje, com seus batons vermelhos. Sobre o cotidiano na Poli, trouxemos relatos de um bixo em suas primeiras semanas de aula e de uma veterana na jornada do seu segundo ano. Não deixe de conferir a Resenha de um filme que não merece um Oscar e o Oscar da Redenção no POLITRECO, e a memória se manifestando em um novo mistério de *Once Upon a time*, na sessão ETC.

Cheio de novidades, ainda faltou uma: temos um e-mail do jornal! Não, não é ~~jornaldeadpolitecnico~~, mas sim: [jornalopolitecnico@gremiopolitecnico.com.br](mailto:jornalopolitecnico@gremiopolitecnico.com.br). Mande-nos textos, ideias sobre Engenharia, ~~news~~, amor e vibrações positivas. O Jornal é memória feita por vocês e por nós. Colem na reunião: toda quarta-feira, às 11 horas, no Grêmio. Abraços da Equipe.

## REUNIÃO

**Quando? Todas as quartas!**

**Que horas? 11hrs**

**Onde? No Grêmio Politécnico**

**E depois: Quem vai bandejar?**

## E-MAIL

[jornalopolitecnico@gremiopolitecnico.com.br](mailto:jornalopolitecnico@gremiopolitecnico.com.br)

## EXPEDIENTE



## O POLITÉCNICO

São Paulo, Abril de 2016 - Ano LXXI - Edição 02

**Editor Chefe:** Larissa Zipoli e Bruno Coutinho ("Novelo")

**Equipe Editorial:** Ana Yamakami, Breno Meirelles, Bruno Pereira, Bruno Soiti, Gabriel Riqueti, Guilherme Pereira, Shinobe, Jefferson Carvalho, Luis Felipe Gaivão, Marina Fujiwara, Rafa Baldy, Raissa Amorim, Ruan Rossato, Samuel Ducca.

**Tiragem** 1.000

**Diagramação:** Larissa Zipoli

**Impressão:** Volpe Artes Gráficas - 94101.8448

*Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação.*

## SUDOKU

	8	4		7			3	5
					8	7	9	
	6		4					
6								3
5		8						
			9	3	2			6
2	7				6	4	8	
								2
		3	7					9

## Um recado para um eterno amigo

Às vezes o mundo coloca os nossos pés no chão. Quem vai dizer que, quando ouvia o Junior falar e via seu jeito intenso, não o achava invencível? Quem vai ousar dizer que, quando NÓS TODOS estávamos juntos, não éramos invencíveis? Pois é, por um momento ele foi vencido, e nós também. Mas todos os momentos que passamos juntos, todas as risadas, as Cenas Lamentáveis, cada conversa, viagem nos tornaram ao mesmo tempo que derrotáveis e vulneráveis, perfeitos, eternos e invencíveis para sempre. Dia 02/04/2016 foi o dia da nossa maior derrota, mas paradoxalmente o dia em que percebemos como o Juny e a nossa amizade são mais eternos que nunca. Lembremos dele como um marco de que podemos não ter tempo, de que o amanhã pode não chegar, então que tornemos eterno o tempo que temos, assim como ele sempre fez. Dos seus irmãos,

Abílio Moço, André Lavieri, Caio de Fiore, Diego Olmi, João Cavalcanti, Lucas Ferrari, Luiz Maschiao, Marcelo Mori, Matheus Yamashita, Pamella Harada, Pedro Marçal, Renato Lima e Stéfano Stampacchio.  
Poli Lixos!

# Engenheirando

## O disco de cinco dimensões



### Quando foi a última vez que você falou sobre engenharia?

Quando você discutiu com outro aluno ou aluna da Poli sobre tecnologia e os avanços nos métodos? Na última reunião do jornal, nos pegamos discutindo mais sobre provas, listas e matérias do que sobre qualquer coisa que tenha a ver com o mundo da engenharia. Por isso, decidimos criar uma nova série de matérias no Politécnico, criativamente chamada de Engenheirando, na qual novos avanços nos ramos tecnológicos e de engenharia serão apresentados e analisados para que não apenas nos inteiremos sobre as novidades, mas também retomemos a paixão que nos motiva a fazer Poli: *engenheirar*.

*A Magna Carta, a Declaração dos Direitos Humanos, a Ótica de Newton... Tudo em 0.1 mm<sup>2</sup>*

Nessa primeira edição, discutiremos sobre a invenção dos Discos de Memória 5D. Desenvolvidos na Universidade de Southampton, no Reino Unido, esses discos em cristal de quartzo conseguem armazenar até 360 terabytes (mais de 50 vezes os maiores HD's disponíveis) de informação, aguentam temperaturas de 1000°C e duram, teoricamente, para sempre à temperatura ambiente, sendo chamados de memorial da humanidade, um meio de guardar toda a informação que produzimos para a eternidade.

Para entender como funciona essa nova tecnologia, é necessário entender o que é memória 5D. Em um CD usual, a informação é gravada em pits, pequenas elevações na superfície que geram distorções na reflexão do laser de leitor de um CD-ROM. Essas distorções são lidas em função de sua posição espacial, baseada nos três eixos, ou seja, altura, largura e comprimento. Com isso, é possível gravar cerca de 700 Mb de informação. No Disco de Memória 5D, um laser com pulso de femtosegundos (0.000000000000001 segundos) modifica a estrutura cristalográfica do quartzo, modificando as posições dos cristais nos três eixos, além do tamanho e orientação, daí as "cinco dimensões" no nome da técnica. Assim, quando um feixe de

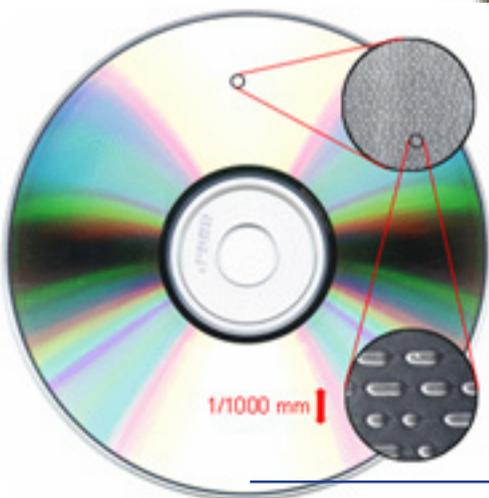
luz do leitor passa pelo cristal, esse é refratado em um ângulo definido por essas cinco dimensões de cada cristal, que é computado e traduzido em dados eletrônicos.

Essa nova tecnologia traz possibilidades várias, nos campos de computação, armazenamento de informação e processamento de dados. No futuro, bibliotecas inteiras, servidores de internet e até toda a filmografia de Star Wars poderão ser armazenados em pequenos discos indestrutíveis, garantindo a perpetuação do conhecimento e o legado das gerações à História. Não vai ser mais

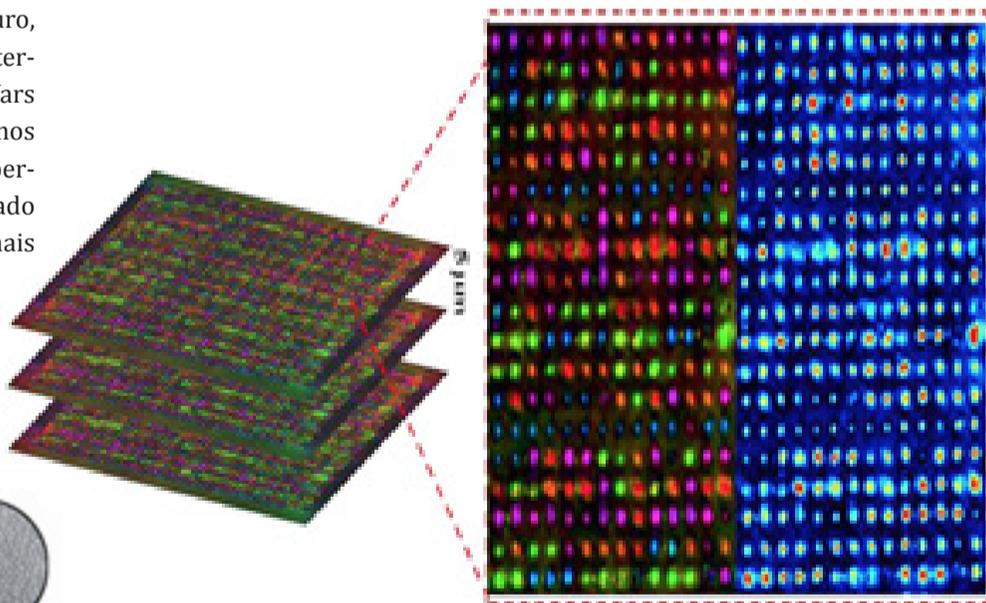
impensável gerar um registro de momentos, recordações. fotos, vídeos de uma vida inteira: imagine poder mostrar aos seus netos e netas todas as fotos que tirou na vida, todos os posts do facebook, todas as notas na poli (orgulhosamente) e deixar todas essas memórias

em um pequeno disco do tamanho de uma moeda. Agora você pode.

*Ruan Rossato  
Engenharia Mecatrônica- 2º Ano*



*CD usual com amplificação para mostrar os pits que o compõe*



*Amplificação de um Disco de Memória 5D. Note, na parte em azul, os diferentes graus de refração que cada microestrutura gera*



# Intercâmbio: expectativa x realidade

Politécnicos contam como foram surpreendidos em suas experiências internacionais

“Em seu melhor, a vida é completamente imprevisível”, segundo o ator Christopher Walken. Um universitário buscando intercâmbio, no entanto, hesitaria em concordar com o “completamente”: quando se trata de viajar e viver em meio a outra cultura, é natural querer que todas as dúvidas sejam sanadas para que não haja imprevistos. Inúmeras pesquisas sobre o país de destino, oportunidades e bolsas, aulas do idioma, conversas com pessoas que já tiveram a experiência do intercâmbio ou mesmo com nativos são práticas extremamente importantes para a preparação de um intercambista. A realidade, entretanto, é que não há forma de estar completamente preparado para tudo que irá enfrentar no seu período no exterior. E por isso a experiência internacional de colegas é tão importante.

Para inspirar e motivar quem tem vontade de fazer um intercâmbio é que foi criado o Projeto Janela Internacional, uma iniciativa online que responde às dúvidas mais frequentes enviadas pelos futuros viajantes. Eles podem assistir aos vídeos com respostas de vários alunos que já foram para o exterior, proporcionando, como o próprio lema do projeto diz, muitos pontos de vista.

Seguindo a linha do Janela Internacional, fizemos para nossa reportagem perguntas aos politécnicos intercambistas e aos estrangeiros que vieram para a Poli. Os entrevistados brasileiros foram Beatriz Arnaut Dalle Lucca, Isabella Cambauva, Bruno Tonon e Felipe Ramos, todos viajaram para a França. Tivemos ainda a participação de um aluno que preferiu não ter os dados divulgados, que chamaremos de B., intercambista na Itália. Já os estrangeiros entrevistados foram Patrick, da Alemanha, Natália, da Espanha e um aluno mexicano que também preferiu não ter os dados divulgados e que iremos chamar de M.. As respostas revelaram experiências

diferentes, mas com muitos pontos em comum.

Quando questionados sobre quais eram suas expectativas antes de partir, muitos disseram esperar dificuldades com o idioma e a adaptação à nova cultura. Enquanto vários brasileiros imaginavam qual seria o nível de dificuldade, como seria a estrutura da nova universidade e se preocupavam em como seriam recebidos, os estrangeiros acreditavam que se deparariam com brasileiros amigáveis e acessíveis. O entrevistado Bruno, contou: “estava me preparando para não ser bem acolhido pelos franceses, mais por medo do clichê ‘frio’ dos europeus. Inocentemente, eu esperava que uma ‘Grande École’ fosse literalmente grande, com muitos laboratórios, infinitos alunos, um imenso espaço físico no meio da cidade, como a USP”.

Felizmente, muitas das dificuldades que temiam enfrentar não atrapalharam realmente a experiência: aos poucos eles foram se acostumando com a nova cultura e a dificuldade com o idioma diminuiu. Dificuldades financeiras foram contornadas com gastos controlados e com a busca por bolsas e estágios, como informa Felipe. Ele ainda completa: “No fim, depende muito de cada um não deixar as dificuldades se tornarem um impedimento, e sim que elas sejam pontos de atenção, para aproveitar cada vez mais a experiência”. Até medos mais inusitados foram superados, como lembra Beatriz: “Eu morria de medo de não saber lavar a roupa certo e acabar estragando tudo, cheguei até a pedir para minha mãe me explicar em detalhes essa ciência da máquina de lavar!”.

Perguntamos também sobre histórias engraçadas que os intercambistas vivenciaram. A maioria delas tem a ver com a língua ou com a cultura do país de destino. Patrick estranha, por exemplo, a maneira de cumprimentar com beijo aqui do Brasil. E a Isabella nos contou:

“Sobre a língua, tenho algo que aconteceu semana passada [entrevista realizada no dia 19/03/2016]. Faço parte da empresa júnior aqui e estávamos todos em um congresso. Aqui na França existe uma expressão que é ‘chaud’... Você a utiliza pra expressar que está empolgado. Mas ao pé da letra ela significa ‘quente’. Então perguntaram ‘qui est chaud pour faire ça?’, que significa ‘quem tá empolgado pra fazer isso?’. Eu, como uma pessoa empolgada, respondi ‘je suis chaude’, adicionando um ‘e’ ao fim da palavra para designar o sexo feminino (tipo ‘epolgaDA’). Todos começaram a rir sem parar... Quando descobri que tal expressão, quando falada dessa forma, significava que eu estava sexualmente excitada. Grata desde já pela humilhação (risos)...”. B. conta também: “Tive problemas com o verbo ficar. Nos primeiros dias fui tirar uma foto com um grupo de amigos e pedimos para uma italiana na rua tirar a foto. Ela insistia em ir para perto para tirar a foto. Nós pedíamos para ficar, usando a palavra ‘fica’. O problema é que parece muito a palavra ‘figa’, que é um palavrão. A menina ficou vermelha e a gente não entendeu por um bom tempo o motivo”.

Mesmo com todas as pesquisas antes do intercâmbio, é impossível saber exatamente como tudo vai acontecer. “Existem incertezas que fazem parte da vida e com as quais é necessário saber lidar”, palavras da Beatriz. Ela também ressalta a diferença entre a incerteza que ajuda em nosso aprendizado e a incerteza que se dá por comodismo: “Se a informação existe em algum lugar e se você precisa dela, não tenha medo de ir atrás! Eu vejo muita gente que tem medo de pedir as coisas e perguntar. Isso é muito prejudicial, ainda mais quando falamos de algo tão importante quanto uma mudança drástica de vida”. Outros intercambistas compartilham a opinião de Beatriz, Patrick ressalta, “se eu já tivesse conheci-

do todas as coisas que eu aprendi antes de ter vindo para cá, o intercâmbio não teria sido tão interessante. Acho que é a incerteza que dá graça às coisas do intercâmbio”. Bruno concorda, “A melhor parte da experiência, do ponto de vista do crescimento pessoal, é aprender a se virar e enfrentar esses imprevistos”. Além deles, M. disse que uma parte importante do intercâmbio é conhecer pessoas que não sabíamos que conheceríamos. Natália acrescenta que a incerteza é “uma das melhores coisas da experiência”. “Não ter rotina, previsões ou planos é justamente uma das melhores coisas: te deixa aberto para novas experiências”, afirma B.

Para finalizar, pedimos a eles recados para os futuros intercambistas e todos responderam, basicamente, com: “façam intercâmbio!” A Isabella destacou a cautela na escolha da escola, para que o seu foco esteja alinhado ao ensino que ela oferece. Felipe alertou para o estabelecimento de um plano, para que você tenha tempo de cumprir suas metas e a Beatriz acrescentou: “Venha com a mente aberta e consciente do que você está fazendo! Não adianta nada sair do Brasil se não for para aprender. A principal mágica do intercâmbio não está nas viagens, nas aulas e nem nas pessoas que você vai conhecer. Ela está na reflexão e na autodescoberta que tudo isso vai te causar”.

Se você quiser conferir as entrevistas na íntegra, é só entrar na página da iPoli no Facebook. Para saber mais sobre o projeto Janela Internacional, acesse a página no Facebook ou o canal no YouTube, lá você irá encontrar várias respostas.

Marina Fujiwara e Rafaela Baldy  
Escritório Politécnico Internacional  
iPoli

## Oceanografia abre as portas para curso de extensão

Sendo a extensão um dos três pés que sustentam a nossa universidade, lado a lado com o ensino e a pesquisa, o Instituto de Oceanografia inicia nesse mês de abril, do dia 11 ao dia 29, as inscrições para o seu tradicional curso gratuito de Noções de Oceanografia, oferecido semestralmente desde 1993. O curso terá início no dia 15 de maio e finalizará em 24 de julho, sendo as aulas aos domingos das 9:30 até 12:30.

O curso, ministrado por vários pro-

fessores do Instituto Oceanográfico, discorre de maneira introdutória sobre as várias áreas de estudo e atuação do profissional oceanógrafo, dentre elas a Oceanografia Física, Química, Geológica, Biológica e as Técnicas de Amostragem, distribuídas em sete dias de aula do curso, o qual conta também com um dia de atividade no Museu Oceanográfico. Ao final do curso, é organizada uma viagem opcional a uma das bases de pesquisa do IO, em Ubatuba (Litoral Norte de SP) ou Cananeia (Litoral Sul de SP). A via-

gem envolve pagamento de taxa pelos alunos.

Trata-se de uma ótima oportunidade aos interessados pela área de Oceanografia para poder ter uma visão bem geral do que o curso pode oferecer. Em se tratando de extensão, também é uma bela porta de entrada aos estudantes indecisos do vestibular, ainda mais por ser um curso geralmente desconhecido do grande público. É um curso aberto à todos os entusiastas dos mares e oceanos, e um belo exemplo de extensão, com

universidade de portas abertas para a comunidade. Caso seja seu interesse, não perca tempo e inscreva-se, pois são 240 vagas disponíveis, preenchidas por ordem de inscrição. Para mais informações, como detalhes do curso ou link para inscrição, acesse o site do IO (io.usp.br). Lembrando-se que o curso também é oferecido no segundo semestre, inclusive em Santos.

Bruno Pereira  
Engenharia Ambiental



# Um dia na Febrace

## Relato de experiência como avaliador

Creio que muitos dos leitores aqui, politécnicos ou não, já tenham conhecimento pelo menos superficial do que é a FEBRACE, a Feira Brasileira de Ciências e Engenharia que nesse ano completou a sua 14ª edição. É uma Feira organizada e promovida pela nossa Escola Politécnica, cuja coordenação esteve sob a responsabilidade da Profª. Roseli de Deus Lopes, do PSI.

Como conhecimento superficial da FEBRACE, todos nós já temos a ideia ou a consciência de que é um evento bastante importante de âmbito nacional e que promove um grande incentivo à educação e ciência para os alunos de ensino fundamental, médio e técnico. Sim, dizer que é um evento importante seria algo extremamente óbvio. Isso é indiscutível. O que me motiva a escrever esse texto para o jornal é finalmente ter cruzado essa fronteira entre a superficialidade e a vivência no local, e isso foi possível graças a participação voluntária como avaliador de alguns projetos pelo POLI CIDADÃ. É importante reiterar que a FEBRACE é um evento aberto para todos os interessados, porém, ao assumir o compromisso de se tornar um avaliador, você praticamente se força a presenciar o evento e conversar com os estudantes.

Primeiro, creio que seja muito simbólico o maior evento de divulgação científica para estudantes do nível fundamental ao técnico ocorrer aqui, bem

do nosso lado, na dita melhor Universidade da América Latina. Para nós politécnicos, ela está bem no nosso quintal, aonde você se jogou na lama (ou não) durante a sua festa de matrícula. Simbólico, pois, apesar de haver a sensação generalizada de que a ciência de fato é pouco discutida ou produzida, na nossa escola ou no nosso país, aqui ainda somos o principal expoente de divulgação científica e tecnológica.

Como avaliador fui sorteado com 5 grupos diferentes para ouvi-los sobre seus projetos de pesquisa. No caso, foram-me dados grupos da área de Engenharia, mas as áreas de pesquisa também contemplavam Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Agrárias, Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Ciências Biológicas, e Ciências Exatas e da Terra. Só nesses 5 grupos que conversei, senti que havia percorrido praticamente todo o Brasil. Um grupo era do sul do Rio Grande do Sul, um outro era do Mato Grosso, e outro era do Ceará. Isso pode parecer surpreendente se ficarmos somente em nossa bolha paulistana mas todos os estados do nosso país são capazes de realizar pesquisas de excelentíssima qualidade. Perceber tanta regionalidade, e pesquisas que tratavam de problemas e apontavam soluções para problemas especificamente regionais mas perfeitamente aplicáveis em âmbito nacional foram de encher os olhos. A qualidade



dos projetos, mesmo indo com altas expectativas, foram surpreendentes. O detalhamento e documentação das pesquisas, a preocupação com a aplicabilidade, a atenção ao método científico, não deixava a desejar para nenhuma pesquisa de nível universitário. Digo isso tendo feito dois anos de Iniciação Científica e ido em todos os SIICUSPs possíveis nesse tempo, e sem sombras de dúvidas o que vi naquele ambiente certamente me inspirará a produzir pesquisas de melhor qualidade nas próximas oportunidades que tiver. A competência dos trabalhos apresentados nessa FEBRACE eram realmente de se elogiar. Obviamente não pude ver todos, só estive presente em um dos dias da Feira, e são inúmeros participantes, mas conversando com outros avaliadores e tendo uma percepção geral do ambiente, acredito que a qualidade entre os projetos sejam semelhantes.

Participar dessa FEBRACE como ava-

liador foi certamente uma experiência muito interessante e que recomendo para qualquer outro que tenha interesse em divulgação científica. A qualidade dos trabalhos apresentados entre aqueles que nem adentraram na universidade por participantes de todo o Brasil me faz novamente refletir o porquê de um país continental e cheio de riquezas naturais e de população como o nosso querido Brasil não é um expoente mundial de produção científica. Por que há tão pouca Pesquisa & Desenvolvimento nas empresas, públicas ou privadas, em solo nacional? Salvo áreas bem específicas como nossa agropecuária, é bem raro o Brasil ser referência mundial em alguma outra área. Certamente isso não ocorre por falta de qualidade dos nossos estudantes.

*Bruno Pereira  
Engenharia Ambiental*

## Poli Negra

### O primeiro coletivo negro da Escola Politécnica

É inegável que estudantes negras e negros que ingressam na Escola Politécnica da USP, desde sua fundação até os dias atuais, se deparam com uma faculdade branca. Após seu ingresso, esses estudantes escutam de familiares, colegas e professores discursos de congratulações envoltos de meritocracia, discursos que reforçam a ideia de que para ocupar um lugar como

a Escola Politécnica da USP basta se esforçar o suficiente. Mas será mesmo essa a realidade? Não basta muito para que estudantes negras e negros se percebam diferentes na escola. Sua cor se destaca nas salas de aula repletas de alunos brancos e amarelos. E não se engane, na Poli existem negros sim! Basta olhar os vigilantes, funcionárias e funcionários da limpeza. Será que realmente o que

falta para negros e negras é apenas esforço?

É nesse cenário que surge o Poli Negra, coletivo cogitado há muito tempo, mas que só após quase 123 de fundação da Escola possui alunos e alunas negras suficientes para ser construído, alunos esses que estão empoderados, conectados a outros coletivos, empenhados, conscientes do seu dever e posição for-

te para exigir mudanças e com vontade de mudar o mundo politécnico para que haja real representatividade do povo negro.

Convidamos todas e todos a colaborar com a nossa luta, por ações afirmativas eficientes e políticas de permanência para alunos e alunas negras.

*Poli Negra*





## O que nos torna adultos?

*Relato de um bixo na primeira semana na Poli*

Torno-me bixo. A vida passa a ser maravilhosa. Milhares de congratulações chegam até mim. As aulas começam num ritmo lento que, pouco a pouco, vai ganhando embalo e se transformando no verdadeiro compasso universitário, repleto de afazeres, como listas de exercícios (Cálculo), idas à biblioteca (livro de Cálculo), falta de esperança pra P1 (de Cálculo) ...

Porém, numa certa noite que tinha tudo para ser mais uma noite normal (por volta da terceira ou quarta semana de aula, mais especificamente), a vida do bixo que não mora mais com seus pais dá uma forte guinada: a comida se acaba, a geladeira se esvazia, a carteira não contém mais notas e, num ápice de desespero, dá-se início à luta pela sobrevivência. Nesse momento de puro desespero, como que proveniente de uma graça divina, os armários ainda estão providos de um único, fútil, mas que já não parece tão desprezível assim, pacote de miojo.

Caro veterano, desculpe-me se essa já é uma velha história para você e se já encontrou qualquer solução prática para o que aqui é tão dramaticamente colocado como um dos momentos de maior terror da vida de um bixo. Porém, dessa desafortunada situação, pela qual, tenho certeza, quase que a totalidade de bixos que se mudaram da casa dos pais passou ou passará ainda neste semestre, sinto que devo externar e enfatizar algumas das reflexões que me vieram (mais claramente, no momento em que eu degustava o meu solitário, porém salvador, miojo de legumes da Turma da Mônica).

Logo ao se adentrar na Poli, uma infinidade de responsabilidades recai simultaneamente sobre nós, bixos, e, refletindo essa realidade, uma das frases que mais se ouve falar é "Aqui, todos serão tratados como adultos". Se analisada bem a situação de vestibulando da maioria de nós, percebe-se que a vida adulta já começou há certo tempo, visto que nos foi exigido muito esforço, competência e comprometimento para atravessar a desafiadora FUVEST; sendo assim, muitos dos que estão lendo este texto provavelmente já se sentiam como verdadeiros adultos antes do tão vangloriado ingresso na faculdade.

Apesar disso, a entrada na universidade ainda tem o poder de mudar tudo: primeiramente, a condição de (auto) reconhecimento dos alunos ingressantes é totalmente invertida (indo de veteranos de suas escolas de Ensino Médio ou de seus cursinhos para o que é praticamente uma "classe social", base da pirâmide universitária, conhecida como "bixo/

bixete"), seguida de alterações bruscas da rotina dos alunos e, em alguns não poucos casos, até mesmo a mudança de cidade, que implica no distanciamento de suas figuras paternas.

Tudo isso, unido numa bola de neve que atinge em cheio os bixos, termina por estimular um amadurecimento exponencial logo no primeiro mês de vida universitária, o qual é provocado principalmente por situações que refletem um certo aprisionamento à vida e à rotina antiga. O apego à casa dos pais e a crença involuntária de que sempre haverá alguém pensando em você, para repor seus armários, sua geladeira e cuidar da sua sobrevivência fazem com que surja uma mudança psicológica muito grande nos bixos.

Assim dizendo, acredito que a maior reflexão proveniente desse episódio, até então inigualável na minha vida, é a de que tornar-se verdadeiramente adulto é um processo complexo e que exige tempo considerável (no geral, esse tempo acompanha o da faculdade, que é quando o aluno ingressa no que, para ele, mais se aproxima do que seria o mundo adulto real). Porém, contrapondo-se em certa medida ao que acaba de ser dito, percebe-se que, provavelmente, a ênfase desse processo de desenvolvimento da vida adulta se dá ainda no primeiro ano, que consiste na etapa de maior mudança na vida do, agora, bixo.

Dessa forma, encerro esse texto na forma de um apelo a todos os meus companheiros Bixos Politécnicos 2016, que é o de que, caso tudo isso não tenha sido uma viagem estranha da mente de uma pessoa faminta, devemos dar uma grande importância a essa fase de nossas vidas, pois o ano de bixo só acontece uma vez; que devemos aproveitar nossa posição universitária para abriremos a mente e aceitarmos o conhecimento que irradia da Escola Politécnica como um todo e urge por fazer parte da nossa bagagem profissional e pessoal. E que por fim, possamos assumir a tarefa de nos tornarmos adultos, porém sem nunca perder o brilho juvenil que se reflete em pequenos hábitos do dia-a-dia (como ir no mercado e escolher o miojo especificamente da Turma de Mônica, apenas para o caso de uma necessidade).

*Guilherme Antonio Pereira Pinto  
Engenharia de Petróleo - 1º ano*

## Uma jornada mais que inesperada

Quando eu era vestibulanda, costumava pensar na minha situação como a jornada de Frodo até Mordor depois que a sociedade foi desfeita. Eu era o Frodo, o Anel era o fardo de não ter passado no ano anterior (porque com ou sem pressão da família, é um fardo) e o Sam representava as pessoas que me apoiavam, os livros e o cursinho. Eles não podiam carregar o Anel para mim, mas estavam lá para me carregar, se fosse necessário. Finalmente, na minha cabeça, cheguei a Mordor e joguei o Anel nas suas profundezas.

Acabei com todo o desespero, as águias vieram me buscar e fui para Valfenda. Passei na Poli.

Tudo isso era o que eu achava no começo do ano passado, meu ano de bixete. Então, fui percebendo que estava andando em um terreno difícil e que o Anel ainda estava comigo, pesando no meu pescoço. Percebi que meu tempo no Ensino Médio e no cursinho foi somente uma aventura, um pequeno livro, uma ida até A Montanha Solitária. Caí naquela aventura meio sem saber aonde estava indo, não sabia direito o quão difícil era espantar aquele Smaug, mas minha decisão foi seguir em frente. E fui, com um mapa de como chegar lá, de como encontrar a porta escondida nas encostas da montanha e, além disso, tive muita ajuda para lê-lo. Contudo, agora estou num livro bem mais longo, um caminho mais complicado. Sem mapas, apenas direções. Um livro que, no começo, parece ter uma Comitiva, mas, ao longo do tempo, começo a perceber que alguns são desviados para outros caminhos, e apenas eu, o Anel e Sam continuamos na longa jornada. Entretanto, apesar de toda essa superfície cinza e cheia de pedregulhos na qual devo andar para poder jogar o Anel em Mordor, sei que será possível se eu tiver lembas para comer, nabos para cozinhar e força para continuar.

Por fim, gostaria de compartilhar com vocês um texto que me motivou muito durante a minha vida de vestibulanda, e que continua me inspirando. Ele pertence ao livro "O Senhor dos Anéis - As Duas Torres" de J.R.R. Tolkien: "- É, é isso mesmo- disse Sam. - E de modo algum estaríamos aqui se estivéssemos

I never received  
my acceptance letter to  
Hogwarts  
SO I'M LEAVING  
THE SHIRE  
TO BECOME  
A JEDI

mais bem informados antes de partir. Mas suponho que seja sempre assim. Os feitos corajosos das velhas canções e histórias, Sr. Frodo: aventuras, como as costumava chamar. Costumava pensar que eram coisas à procura das quais as pessoas maravilhosas das histórias saíam, porque as queriam, porque eram excitantes e a vida era um pouco enfadonha, um tipo de esporte, como se poderia dizer. Mas não foi assim com as histórias que realmente importam, ou aquelas que ficam na memória. As pessoas parecem ter sido simplesmente embarcadas nelas, geralmente - seus caminhos apontavam naquela direção, como se diz. Mas acho que eles tiveram um monte de oportunidades, como nós, de dar as costas, apenas não o fizeram. E, se tivessem feito, não saberíamos, porque eles seriam esquecidos. Ouvimos sobre aqueles que simplesmente continuaram - nem todos, para chegar a um final feliz, veja bem: pelo menos não para chegar àquilo que as pessoas dentro de uma história, e não fora dela, chamam de final feliz. O senhor sabe, voltar para casa, descobrir que as coisas estão muito bem, embora não sejam exatamente iguais ao que eram - como aconteceu com o velho Sr. Bilbo. Mas essas não são sempre as melhores histórias de se escutar, embora possam ser as melhores histórias para se embarcar nelas! Em que tipo de história teremos caído? "

*Rafa Baldy  
Engenharia de Materiais - 2º ano*



# As politécnicas

## de 1951 aos batons vermelhos

Foram e são mulheres que decidiram se dedicar aos estudos de Engenharia e enfrentar os preconceitos de escolher uma profissão, considerada masculina, e a discriminação por parte de alguns professores e alunos. No dia 8 de março, as politécnicas vestiram-se de batom vermelho como forma de afirmar o próprio espaço e as próprias escolhas dentro da nossa Escola. E essa história é antiga. A primeira mulher a se formar na Escola Politécnica foi Anna Frida Hoffmann, engenheira química da turma de 1928. Antes dela, somente duas mulheres frequentaram a Escola como ouvintes. Apenas 10% dos alunos de graduação era composto por mulheres em 1990. Desde então, cada vez mais mulheres vem ingressando, se formando e ganhando espaço na Poli. Atualmente, mais de um quarto dos alunos é composto por mulheres.

Nessa edição sobre memória, o Jornal O Politécnico encontrou a primeira publicação sobre mulheres, ocorrida em 1951, quando fora fundado o Departamento Feminino (D.F.) da Escola Politécnica com exatamente doze mulheres. O outro relato é de abril de 1955, ano em que o D. F. contava com 17 alunas, nutrido por politécnicas dispostas a "informar, aos que não saibam, detalhes sobre

## As Politécnicas

*Chegou também à Politécnica a lavação feminina e isso já há alguns anos; em 1928 diplomava-se a primeira engenheira: Ana Maria Frida Hoffmann e daí por diante o número de alunas vêm aumentando sensivelmente. Temos agora a satisfação de participar a futura inauguração do Departamento Feminino, análogo aos existentes nas demais Faculdades da Universidade; isso devemos ao perfeito cavalheiro que é o nosso diretor, dr. Antonio Carlos Cardoso que consignou no orçamento para 1951, verba para instalação de uma das salas de*

*Edição abril de 1951, fundação do Departamento Feminino*

uma parte, aliás bastante pequena, da Escola: e lembrar às colegas que é necessário fazer um pouquinho mais – é a nossa vez!". Depois de 61 anos, o recado continua o mesmo: sempre é a nossa vez de construir a nossa história.

*Rafae Baldy  
e Larissa Zipoli*

## Um Pouco do Departamento Feminino

Hoje, quem vagueia pelas salas de aula da Politécnica, encontra entre uma multidão de rapazes, um número já perceptível de moças. Há 17 delas. Para uma escola de quase mil alunos, talvez mal dê para colorir o ambiente. Mas, é um número maior que zero, portanto uma realidade.

A um canto do «Paula Souza» existe uma sala para as moças, conhecida como o D. F., Departamento Feminino.

Objetivamente, é por esses dois aspectos que se constata a presença feminina na Escola: moças que se encontram por salas e corredores; e o D. F. É do último que lhes tentarei contar alguma coisa.

Até 1950 a Politécnica deu ao país seis engenheiras. Em 1951 cursavam a escola 14 moças. Foi nesse último ano que surgiu nosso Departamento. Pelos números vê-se bem, porque só há 4 anos as moças sentiram mais profundamente a necessidade de se agregarem num bloco, serem um departamento autônomo, unido, regulamentado, uma pedra a mais no edifício da Escola.

É certo que haja moças por aqui? É útil à sociedade a existência de engenheiras? Seria mais natural tê-las entre painéis? (sem aspas). Ou isso é apenas outra das consequências de nossa estrutura econômico-social?

Perdoem-me, isso já é outro assunto e não pretendo abordá-lo hoje. Fiquemos com a constatação de realidades e deixamos o estudo ético das mesmas para outra oportunidade. Apenas sugiro pensarem nelas.

Como lhes contava, o D. F. surgiu em 1951. Com a sua criação visou-se dar às alunas da Escola apoio moral e material. A iniciativa de sua realização deve-se, entre outras, à hoje engenheira Leda Beltrão Medeiros. Em princípios do ano letivo de 51 ela, como mais outras colegas, dirigiu-se ao então diretor da Escola, dr. Antônio Carlos Cardoso, pedido-lhe ceder às moças uma sala vaga que havia no porão do «Paula Souza». Em setembro do mesmo ano inaugurava-se o «Departamento Feminino da Escola Politécnica da U.S.P.», com sede não no local pedido, mas numa ótima sala no 1.º andar do mesmo prédio. Elegeram-se primeira diretora, Leda B. Medeiros: Do Dr. Cardoso as moças guardam a mais grata recordação. Posteriormente, passou-se à atual sala, no térreo.

Problemas que surgiram a seguir foram: elaboração de um regimento interno e anexação ou não do Departamento ao Grêmio Politécnico. Hoje o D. F. possui estatutos e constitui departamento autônomo. O último fato foi devido à deliberação tomada na reunião de 2-4-54: "se para oficialização do D. F. for obrigatória a permissão de elementos do Grêmio se imiscuirem em nossos assuntos internos tal oficialização não será feita".

Sob o aspecto interno, verificam-se grandes progressos no D. F., desde a data de sua fundação. E estamos certas de que, em relação aos fins para que foi criado, não pode haver desapontamentos. Entretanto, como qualquer outra

realização humaha, não nasceu perfeito ou realizado ao máximo. Nasceu pequeno e está crescendo. As colegas que nos precederam tiveram nesse trabalho a parte mais ingrata — Começar alguma coisa onde não existia nada. A nós resta desenvolver e aperfeiçoar a obra, fazer com que o D. F. preencha sempre seus fins, mas ao máximo. Temos um papel a desempenhar na Escola, na classe universitária, na sociedade humana. Não nos esqueçamos dele!

Perdoem-me por impingir-lhes este artigo talvez "cacete" e desinteressante. Moveu-me apenas a intenção de informar, aos que não saibam, detalhes sobre uma parte, aliás bastante pequena, da Escola; e lembrar às colegas que é necessário fazer um pouquinho mais — é a nossa vez!

*O Politécnico 1955,  
17 politécnicas  
afirmavam a sua presença*

## Cursinho AtuaMente: novo projeto na Poli-Santos

Todo Politécnico conhece o assombroso momento de prestar o vestibular FUVEST (alguns mais vezes do que outros), o sentimento de ansiedade e, às vezes, até mesmo de impotência diante de uma prova desse nível. Muitos dos que ingressaram na POLI tiveram a oportunidade de contar com algum apoio nesse momento importante da vida, fosse com um cursinho tradicional ou com amigos, parentes e professores que se disponibilizaram a auxiliar em estudos preparatórios.

No entanto, todos sabemos que há uma grande parcela da sociedade que em geral não tem esses mesmos apoios e que estão à mercê da própria sorte (às vezes falha) e força de vontade. Pensando no auxílio dessas pessoas, alunos de Engenharia de Petróleo da POLI-Santos estão protagonizando o desenvolvimento de um projeto na baixada, o qual consiste no Cursinho pré-vestibular AtuaMente (CPVAM) com o objetivo de incluir estudantes de baixa renda da cidade de Santos nos cursos de graduação das principais universidades do país.

A idealização do cursinho surgiu de Caroline Nascimento, através do desejo de retribuir todo o apoio que recebeu do cursinho do Grêmio Politécnico, em sua fase de vestibulanda, tendo compartilhado sua intenção com Letícia Castro e Fernando Rocha, que já lecionavam matemática em uma escola pública de Santos, e com Raíssa Toledo, que conheceu a difícil realidade de se estudar em uma escola pública.

Estando ainda em fase de criação, a ideia dos protagonistas do projeto

é que as aulas sejam ministradas durante o período da noite, no Campus de Santos da USP, contemplando as matérias básicas do Ensino Médio: Matemática, Física, Química, Biologia, Geografia, História, Português e Inglês.

Os principais pontos de motivação para a criação do cursinho, elencados pelos fundadores, são o fato de acreditarem que "o ensino superior público brasileiro ainda é um privilégio daqueles que puderam financiar o ensino fundamental e médio nas melhores escolas particulares do país", como afirma Fernando Rocha, e que "o cursinho popular é uma forma de acreditar nas ideias e no potencial de jovens", como disse Letícia Castro.

Além disso, a visão de retribuição de Caroline Nascimento por toda a ajuda recebida, desde a indicação do cursinho do grêmio até todo o incentivo para se dedicar em passar no vestibular, condiz perfeitamente com a fala de Raíssa Toledo, segundo a qual "incentivar a educação é alimentar um sonho, é cultivar esperança". Com esse projeto, muitos sonhos podem ser alimentados e a esperança de muitos jovens de alcançar o ensino superior público pode ser cultivada com todo o auxílio que os alunos da POLI-Santos têm a oferecer.

O Politécnico vai acompanhar a evolução do Cursinho pré-vestibular AtuaMente (CPVAM) e ficará honrado em publicar os resultados futuramente.

*Guilherme Antonio Pereira Pinto  
Engenharia de Petróleo - 1º ano*



*8 de março de 2016  
"Politécnicas,  
não tirem o batom vermelho!"*



# A Saga do CRUSP

O Conjunto Residencial da USP (CRUSP) é hoje uma das áreas mais icônicas da Cidade Universitária: quem anda pelo longo corredor entre os prédios vê as bicicletas subindo as escadas, os diversos cartazes, a fauna (leia-se aranhas) e a flora, a arquitetura contemporânea e as mais diferentes personalidades e histórias. É ponto de encontro de estudantes, professores e funcionários, unindo diversos serviços para a comunidade USP, desde o bandeirão central e a USPão, até cabeleireiro, xerox e cinema (o cinUSP, que aliás tem como tema do mês “Carnificina”). Ainda assim, são poucas as pessoas que sabem da história do CRUSP, com seu papel relevante não só para a USP, mas também para toda a cidade de São Paulo, ou de como é o cotidiano de quem mora lá.

## História: moradia de luta

O projeto de um conjunto residencial para estudantes da USP foi elaborado a pedido do Fundo de Construção da USP, pelos arquitetos Eduardo Knesse de Melo, Joel Ramalho Júnior e Sidney de Oliveira, em 1961. O projeto se baseou em técnicas modernas de construção e de arquitetura, como prédios dispostos em fase, com um corredor central; o uso de colunas de sustentação (pilotis) no térreo, para aumentar espaços internos e garantir maior iluminação ao interior; blocos pré-fabricados no chão e instalados na construção (o CRUSP foi a primeira construção no Brasil a usar essa técnica); espaçamento entre os prédios, pra garantir iluminação, entre outros.

A construção dos prédios do que viriam a se tornar o CRUSP se deu em 1963, com a função de alojar esportistas que vieram para os Jogos Pan-Americanos desse ano e, quando do fim dos Jogos, servir como moradia estudantil.



Contudo, a reitoria de então fechou os prédios após os eventos esportivos e negou aos estudantes o uso dos prédios. Assim, em 1964, um grupo de estudantes ocupa dois andares de um dos blocos e dá início à ocupação estudantil dos prédios, que chega a contemplar dois mil estudantes. De acordo com Rafael Alves, ex-morador, o CRUSP se tornou na

Antônia, contra estudantes pró-ditadura da Mackenzie. O auge da luta contra o regime se deu nas férias de 1968, quando o exército entrou com tanques de guerra na USP, destruindo barricadas dos estudantes, desocupou o CRUSP e prendeu os mais de 800 moradores que passavam as férias nos prédios, com casos de execução e tortura. A partir daí,

dores do CRUSP, a AMORCRUSP, entidade que luta pela melhoria das condições das moradias e pelo o aumento de vagas no CRUSP. De lá para cá, houve várias reformas nos prédios, a construção de um novo bloco, o A1, com quartos para algumas mães, o surgimento da COSEAS e a atribuição de administração do CRUSP a essa coordenadoria, entre diversas outras mudanças. E com toda essa bagagem histórica de luta pela permanência estudantil, o CRUSP é sem dúvida mais do que importante direito estudantil, é agente de mudanças significativas na USP.

## A vida no CRUSP: cotidiano incerto

Segundo Thiago Suzuki, politécnico e morador do CRUSP, “a experiência de viver no CRUSP é a experiência de vivenciar a USP o dia todo e todos os dias”. Para além da oportunidade de frequentar o curso na Universidade, quem mora no CRUSP dorme e acorda dentro de um ambiente de estudo, discussão e convivência.

As refeições no bandeirão são momentos de encontrar e conversar com outros moradores; os espaços de lazer, como a sala de ginástica, a sala comunitária de TV, o cinUSP, entre outros, são sempre frequentados; as salas de estudo e a pró-aluno propiciam lugares para os moradores se ajudarem nas matérias; a Ágora está constantemente ocupada com pequenos palcos e shows das mais diversas bandas; os apartamentos reúnem pessoas que aprendem a conviver umas com as outras e são decorados e



USP um lugar de reunião do Movimento Estudantil e de debates avançados que foram precursores de mudanças sociais, como o fim da divisão dos blocos de moradia por gênero e o uso de métodos contraceptivos, temas até então tabus na sociedade. Além disso, os moradores do CRUSP começaram a se unir para combater a ditadura civil-militar e participaram da Batalha da Rua Maria

se passaram anos sem que os prédios servissem como moradia estudantil, com dois blocos sendo demolidos e os quartos desmontados e ocupados com setores da burocracia universitária.

Até que, com a refundação do DCE-Livre da USP em 1986, os estudantes começaram a se reorganizar e ocuparam de novo os prédios do CRUSP. Na década de 1980, se funda a Associação de Mora-

*Continua na página 9 >>>*



mobiliados a gosto dos seus moradores. Isso sem contar todas as outras atividades e espaços que a Cidade Universitária oferece e que estão a um ônibus circular de distância todos os dias da semana. Quem mora lá conta também com diversos serviços gratuitos, como atendimento odontológico, hospitalar (como qualquer estudante, no Hospital Universitário), empréstimo de bicicletas e filmes, serviços de manutenção, atendimento psicológico, entre outros.

Tudo isso faz parte do programa de permanência da Universidade, que tem como função garantir que quem passa pelo vestibular tenha as condições físicas e sociais de frequentar o curso, ou seja, possua moradia, transporte e alimentação de qualidade. Mas esse programa, ainda em desenvolvimento, está sob ataque da administração do CRUSP e da reitoria.

Um dos principais problemas enfrentados por quem entra na USP e precisa de moradia é a falta de vagas no CRUSP. Em uma pesquisa realizada na UNICAMP, calculou-se que, dada a condição social de ingressantes em universidades brasileiras, uma moradia estudantil deveria ter vagas para 10% dos ingressos; na USP isso equivale a cerca de 8.000 vagas e, com cerca de 1.200 vagas, o con-

junto não consegue abarcar o crescente número de alunos na Universidade e muitos acabam desistindo do curso por não conseguirem vaga. Várias propostas de resolução foram propostas, entre elas a reconstrução dos blocos demolidos na década de 1980, a liberação dos blocos utilizados por setores administrativos (K e L) para o uso como moradia, garantindo mais de 500 vagas novas e o aumento do número e do valor das bolsas de auxílio moradia. Nenhuma dessas, contudo, foi aceita pela Reitoria, que historicamente foi contra a existência do CRUSP e já anunciou propostas de fechamento de algumas áreas de moradia para construção de salas de aula.

Outro dos problemas é o processo de seleção das vagas. De acordo com o regimento interno do CRUSP, o processo seletivo deve ser transparente e passível de apontamentos acerca de incorreções; contudo, na prática, o COSEAS realiza o processo sem qualquer transparência quanto aos critérios usados ou à classificação com as notas dadas aos pleiteantes. Assim, favorecimentos e irregularidades nas escolhas não podem ser percebidos e corrigidos. Há diversos casos de estudantes que receberam a vaga, mas poucos meses depois, sem justificativa, foram realocados para o programa

de bolsa de auxílio; esses são possíveis evidências de incorreções no processo seletivo. Há também nesse caso propostas de como resolver esses problemas, tais quais a adoção de sistema de escolha similar ao da USP-São Carlos: moradores e coordenadoria, em conjunto, são responsáveis pelo processo de escolha. Novamente, a Reitoria se mostrou intransigente e não aceitou as propostas.

Além desses problemas específicos ao CRUSP, os moradores enfrentam diariamente os desafios que toda a comunidade USP enfrenta: falta de segurança, devido ao esvaziamento de espaços comuns, falta de iluminação, etc; problemas de precarização tanto da estrutura predial, quanto da sua manutenção, dados pela diminuição deliberada do investimento governamental à USP; preconceitos e opressões, especialmente contra mulheres, negros e negras, LGBT's e população de baixa renda. A tudo isso, poucas atitudes são tomadas pela administração que contemplem as demandas estudantis e respeitem seus direitos conquistados.

#### Quase tão difícil quanto a FUVEST

Aí você passa no vestibular: comemora que entrou em uma das universidades mais concorridas do Brasil, com uma média de 14 candidatos por vaga, e que agora vai poder cursar as melhores faculdades do país. Exceto por um pequeno fator: você mora longe e não consegue ir e vir até o Butantã sem gastar muito com o transporte ou sem ter de acordar quatro horas antes da aula. E então você ouve falar do CRUSP e entra no site da COSEAS para se inscrever no processo seletivo. Descobre que vagaram menos de 100 quartos e que mais 900 estudantes estão precisando de um lugar também, ou seja, 9 estudantes por vaga.

Até sair o resultado da seleção, você tem que ficar dormindo, junto com mais 12 estudantes, em um alojamento bem precário. Se você der sorte de ser uma ou um entre nove, vai ter que ir atrás de um apartamento onde lhe aceitem, afinal o processo é por afinidade; com rejeições relatadas por motivos como incompatibilidade astrológica, curso que está cursando ou ideologias políticas. Mas mesmo que você encontre aquele apartamento onde possa morar, vem o desafio de dividir um apartamento de menos de 40 m<sup>2</sup>, banheiro e cozinha comunitários com outras três pessoas.

E se você conseguiu isso, quer dizer que pelo menos outras 8 pessoas não conseguiram. Por isso é importantíssimo que toda a USP se mobilize e reivindique aumento no número de vagas e na qualidade dos apartamentos do CRUSP, afinal quem mais precisa de uma vaga lá é a população de baixa renda que também é a que mais precisa estar na universidade pra garantir uma boa qualidade de vida e boas oportunidades no



mercado de trabalho.

Esse ano, várias reuniões estão marcadas para discutir o destino do CRUSP e como se dará a atuação do movimento pela permanência estudantil na USP. Se informe e participe para garantir a todas e todos o direito de estudar na USP.

#### Poli e CRUSP: mais próximos do que parece

Apesar de uma minoria de estudantes da Poli estar no CRUSP, a relação da Escola com o conjunto residencial é antiga: nas primeiras ocupações em 1964, houve presença de politécnicos e politécnicas que reclamaram seus direitos de moradia estudantil e conseguiram consolidar a função do CRUSP.

O Escritório Piloto também desenvolveu, em 1984, um projeto de reforma dos blocos que se executou no mesmo ano. Além disso, estudantes da Poli que fizeram duplo diploma e até que receberam premiações em excelência acadêmica moraram no CRUSP. Então, na próxima vez que estiver na fila do bandeirão, olhe para um dos prédios e saiba que foi da Poli parte da culpa dele existir.

Ruan Rossato  
Engenharia Mecatrônica - 2º ano

Fotografia por:  
Samuel Ducca  
Engenharia da Computação - 1º ano





# Sentimentos

**F**elicidade, do latim *felix*, estado atribuído... Chato né? Eu poderia estar escrevendo uma receita de bolo de fubá aqui e seria provavelmente mais útil que o significado de felicidade no dicionário. Inclusive, ainda estou para conhecer alguém que use dicionários para explicar os próprios sentimentos. Ainda assim milhões de pessoas inventam, diariamente, milhões de palavras, quando não frases inteiras, para tentar descrever esses desvios da mente.

Então, se você, leitor, me permite, resolvi tomar a liberdade de dar meu pitaco politécnico no tema, com todo meu embasamento teórico de Wikipédia e frases de efeito do Facebook.

Acredito que sentimentos são muito melhor explicados com histórias. O que meio que significa dizer que aprendemos um jeito de sentir (Fica para reflexão: se aprendemos o nosso jeito, será que poderíamos aprender o jeito dos outros também?).

Começando com um exemplo: descreva a felicidade.

Fácil. Felicidade tem uma trilha sonora de Skank ao vivo em Ouro Preto, Mafalda 2009 e Titãs Acústico MTV com

comentários especiais dos meus pais me mandando largar o Pokemon e admirar a paisagem. Ela tem gosto do biscoito recheado de chocolate que as vezes surgia como lanche para aguentar o trajeto de 6 horas até Rifaina e tem a cara do meu pai, a pessoa mais feliz do mundo dirigindo na estrada, e da minha mãe, com seu óculos escuros estiloso e serviço nota 10 de co-piloto, garantindo que o amor do meu pai por dirigir não matasse a gente de fome.

Tem um pouco de gramados também. Seja o do Ceret com meus amigos, quando o horizonte parecia se misturar com o horizonte de último ano de colégio; seja o do lado de um rio fedorento, comigo jogado e jogando conversa fora; seja o da USP, que assistiu uma das melhores aulas de topografia e azimutes que eu já tive, ali debaixo de uma árvore. Acima de tudo, felicidade é um fim de tarde, quando o céu fica incandescente e o vento suspira junto com você.

Por outro lado, temos tristeza, essa infelizmente também fácil. Palavras cruzadas. Com um sofá amarelo super confortável pós-almoço de domingo e um avô que devorava uma por dia de prefe-

rência. Não porque nenhum desses seja triste, mas porque a falta faz muita falta. As vezes, com sorte, a tristeza pode ser mais agridoce e envolver só um fora de uma menina que você gostava (naquele dia sem as mangas cobrindo os braços) para em seguida você encontrar seu amigo e cupido "escondido" no seu chuveiro.

E o amor? Esse que não pode faltar jamais. Até ele pode ser simples. O amor é uma moça com meu boné, grande demais para a cabeça dela cobrindo a vista, espremida junto comigo no banco da frente de um carro lotado. Ele é também Amelie Poulain, naquela última cena de caretas em Paris num passeio de motoneta. Ele é acima de tudo, música, talvez com os amigos, talvez em vídeos únicos no whats.

Em minha humilde opinião de garoto de 19 anos tentando falar sobre a vida eu devo dizer que talvez não devemos explicar sentimentos com dicionários ou livros de filosofia, mas com catálogos de Netflix, com sabores de bolo, com trilhas sonoras e cenas dignas de novelas adolescentes cult dos anos 90. Porque depois de tanta reflexão, se aprendemos

a sentir, não seriam sentimentos mais memórias do que ideias?

Todas as histórias da sua vida, reais ou não, boas ou não, te ensinaram a sua própria versão do amor, da felicidade, da tristeza. Essa versão que pode não ser a que você mais quer, mas que pelo menos é autêntica. Meus desabafos aqui foram cheios de referências - muitas pessoas compartilharam esses momentos - mas ao mesmo tempo eles são só meus. Talvez os seus sejam muito diferentes. Seu amor pode ser revolucionário, sua alegria alcoolatra e sua tristeza viajada. De qualquer forma, da próxima vez que explicações forem necessárias para essas loucuras que a gente faz, porque não contar uma história?

Bruno Novelo Coutinho  
Engenharia Mecânica - 3º ano

# Once US Pon a time

**H**á muitos e muitos anos, um reino foi formado por três feudos após terem sido derrotados em uma guerra. Eram os feudos mais avançados de seu tempo: um cuidava de todos os doentes, o outro tentava controlar o caos com normas e punições e o último era o responsável pelas construções dos castelos, produção de ferramentas e outras invenções malucas. Quando eles perderam essa guerra, pensaram que juntos um dia iriam triunfar, não com o sangue dos bons companheiros, como tinha acontecido, mas sim com seus conhecimentos! E foi dessa forma que novos feudos foram se juntando a esse novo reino, cada um responsável por uma coisa: um começou a cuidar da história sobre como eles chegaram até ali, outros sobre as características do solo, sobre o tratamento dos animais doentes, dos dentes, da música, enfim, de tudo! E assim, esse reino foi se tornando mais e mais forte e castelos foram sendo criados, e reis antigos foram passando seu conhecimento de geração para geração até os dias de hoje. Bom, é claro que com o decorrer de tantos anos, várias coisas estranhas aconteceram por lá. Os habitantes dessa região afirmam que alguns desses antigos professores

viraram tartarugas que ficam descansando eternamente em um lago, que alunos que morreram precocemente viraram cachorros que perambulam por toda região, que há inúmeras passagens secretas e até mesmo castelos secretos, dos quais ouve-se falar, mas nunca mais foram avistados (bom, outros afirmam ter chegado a esses lugares, mas nunca conseguiram achá-los pela segunda vez) e também que essa terra se tornou mágica e, sendo assim, o mapa nem sempre funciona: os castelos mudam de lugar, as ruas aumentam e diminuem de tamanho e bosques somem e aparecem.

Além disso, há boatos de que, depois de um grande incidente no laboratório de alquimia, uma fronteira mágica foi quebrada e criaturas e outras coisas foram capazes de entrar e sair. Depois disso, todos os maiores estudiosos da época se uniram para refazer as fronteiras e disfarçar essa terra mágica do mundo real que estava crescendo ao redor. Por algum motivo ainda desconhecido, essa fronteira nunca conseguiu ser o que fora um dia.

Na mesma época da criação da nova fronteira, foi criado um grupo de estudo do sobrenatural. Eles ficaram responsáveis por relatar as criaturas anormais,

um mapa de probabilidades de locais em que castelos e passagens possam ser encontrados e também acontecimentos importantes. Com o passar do tempo, o número de alunos desse grupo diminuía até que ele, finalmente, foi extinto.

Participando de um caça ao tesouro, alguns alunos da Poli encontraram um baú com esses relatos e, assim, a notícia se espalhou. Alguns ficaram maravilhados, outros ignoraram, uns encontraram explicações para o que já tinham vivido e muitos simplesmente surtaram. Para que o pânico não tomasse conta dos alunos, logo na véspera da semana de provas, alguns corajosos amigos saíram em busca do desconhecido, querendo provar que nada disso passava de lendas antigas. Conseguimos manter contato por um período, mas assim que eles estraram num bosque proibido para alunos do primeiro ano, não os vimos mais. Vamos esperar a data que possamos saber o que eles descobriram. Se eles não chegarem a tempo, recrutaremos um grupo bem preparado para lidar com o que quer que seja que existe dentro daquele temido bosque. Aguarde.

Rafa Baldy  
Engenharia de Materiais - 2º ano

## Amar é integrar

“Cálculo matemático

Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões é que se ama verdadeiramente. Porque eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil.”

Clarice Lispector

Integrais podem ser como poemas de amor, e Clarice pode aparecer na sua prova de Cálculo III. Afinal, integrar é somar compreensões achando que você está no caminho certo até se deparar, confusa, sem respostas, sem caminho.

Sem intervalos lógicos de integração.

Sem mudança de variáveis possíveis. O próximo passo é obscuro: para frente, para trás, se apaga e recomeça ou se ignora as dúvidas e continua tentando.

Os rascunhos insaciáveis do que poderia ser feito te consomem em vazios, ausentes de gabaritos. As folhas mudas te revelam riscos que não dizem nada, apenas gritam que, na verdade, você não sabe se sabe integrar (ou amar).

Cálculo nunca é trivial, com números ou sem números.

Larissa Zipoli  
Engenharia Civil - 2º ano

## O flautista na Raia

**E**ra uma vez uma antiga escola que foi ocupada por bandos e bandos de ratos, como nunca antes fora visto nem voltará a ser. Os pequenos roedores ocupavam todas as frestas de todas as paredes de todos os prédios. Passeavam pelos jardins, visitavam as oficinas e frequentavam mais as salas de aula que os próprios alunos.

Nem gatos, nem ratoeiras, nem venenos, nem PP-USP, nada resolvia. As autoridades locais já se desesperavam com a situação. O Diretor pensava em mudar todas as turmas para Web e fechar a escola para sempre.

Eis que em uma manhã de sol, surge um misterioso flautista, nunca antes visto, tocando uma misteriosa música, nunca antes ouvida. O estranho estrangeiro segue em seu caminhar pelos estacionamentos até a sala do Diretor, que se reunia com alguns professores:

– Antes que a semana se encerre – prometia o flautista – terei afastado todos os ratos desta escola, desde que me paguem uma moeda por cabeça.

– Uma moeda por cabeça? – cochichavam os espantados professores – Isso somará milhões. Não temos condições de pagar isso.

O Diretor, mesmo sabendo da verba insuficiente, não via outra solução e foi forçado a aceitar:

– Está feito o contrato: uma moeda por cabeça.

– Começarei o trabalho amanhã, neste horário. Alerta a todos que fiquem dentro dos prédios até eu encerrar.

Assim, o dia seguinte se iniciou com todos os curiosos professores, alunos e

funcionários espiando pelas janelas. O flautista, sozinho no estacionamento, pôs-se a tocar uma música vagarosa e quieta, que aos poucos ganhava volume e velocidade. O som ocupava todas as travessas e todas as frestas quando os ratos começaram a aparecer. Saídos dos laboratórios, dos telhados, dos banheiros e dos sofás dos centros acadêmicos, eles se agrupavam e formavam uma grande massa cinzenta ao redor do estrangeiro.

Estando todos os ratos presentes, o flautista começou a andar, mantendo o ritmo de sua música. Os roedores seguiam-no, desviando dos carros mal estacionados pelos bixos em semana de provas. E assim a massa deslocou-se até a raia que corria ao lado da escola. O estrangeiro sentou-se na grama, parou sua música e ordenou:

– Saltem! Saltem! – apontando para as águas agitadas de um pequeno redemoinho.

Dessa forma, os ratos pulavam no centro do redemoinho, um por um, e desapareciam enquanto o paciente flautista contava-os. Logo que o último salto foi dado, dirigiu-se mais uma vez à sala do Diretor.

– Todos os ratos mergulharam na raia e as ruas estão novamente liberadas. Foram 4,9 mil cabeças, mas acredito que possamos arredondar para 5.

Os professores, indignados, não aceitavam a possibilidade de arredondar o 4,9:

– Que ideia absurda. Onde já se viu? 4,9 não é 5 nem nunca será.

– Eu arredondo para 5 mil – afirmou

o Diretor – com uma condição: você ajudará a exterminar as outras pragas desta escola. Temos os mosquitos de dengue/chikungunya/zika na Mecânica, os escorpiões no Biênio, as cervejas nos Centros Acadêmicos...

Seguiu-se uma longa discussão e uma sessão de xingamentos poucas vezes vistas por alunos “inteligentes e civilizados”.

– Pois sendo assim, farei mais pragas desta Escola desaparecerem. – aceitou contrariado o flautista.

Assim, na primeira distração dos professores, o flautista voltou a rua com sua música. Porém, não havia mais ratos para serem atraídos. Dessa vez, foram os alunos que seguiram as notas tocadas, desaparecendo no horizonte e nunca mais sendo avistados.

No primeiro momento que perceberam a ausência, os professores ficaram desesperados, pensando que a escola seria fechada e que eles perderiam seus empregos. Porém, após breves 5 minutos, perceberam que enfim poderiam fazer a pesquisa que sempre quiseram, sem ser importunados pelas aulas que eram obrigados a dar.

O Diretor agradeceu ao flautista pela bênção e pagou-lhe 10 mil moedas, uma por cabeça de rato e de aluno, e todos os professores viveram felizes para sempre.

Obs.: Essa história é fictícia e não representa a realidade atual. Afinal, os ratos continuam circulando por aí.

Luis Felipe Gaivão  
Engenharia Mecânica - 3º ano

## E o Oscar nunca vai para...

**D**e *Deu a Louca nos Nazis* é um filme de ficção científica e tentativa de comédia. Lançado em 2012 e com longos 93 minutos de duração, a produção já surpreende com o título, fielmente traduzido ao português do original “Iron Sky”. Ambientado em 2018, a temática é um exército de nazistas espaciais, uma ideia que não teria como resultar em um filme ruim de tão genial. Após a Segunda Guerra Mundial, os nazistas conseguiram, antes de sua derrota, enviar naves para o “Lado Negro da Lua”, região desconhecida aos olhos da Terra. Eles contavam não só com naves espaciais, mas com uma avançada tecnologia “antigravitacional”, tecnologia essa que lhes permitiu a construção de uma enorme base na Lua, contando com recursos energéticos quase que ilimitados. Em 2018, contudo, eles decidem retornar à Terra. Um filme sem qualquer furo na história, com enredo nada previsível e com algum conteúdo de fato, feito por finlandeses, alemães e australianos, *Deu a Louca nos Nazis* é, com certeza, um filme diferente. De 0 a 10 com uma nota -3, o longa, contudo, não deve ser subestimado. Já possui um segundo filme programado para ser lançado em 2017, além de um jogo, “*Iron Sky: Operation Highjump*”.

Guilherme Shinobe  
Engenharia Elétrica - 1º ano

## Existe Arte na Poli?

por Gabriel Riqueti



## 2016: A Redenção

**S**e Ryan Reynolds e Ben Affleck estão sendo elogiados por seus respectivos papéis de heróis nesse ano, depois de anos sendo execrados por todo o mundo, em *Lanterna Verde* e *Demolidor*, você também pode passar naquela matéria bem legal que reprovou pela 4ª vez (Numérico, MecFlu, R1, Eletromag, Física, Cálculo, Algelin, não importa), vai fundo! Não esqueça o Oscar do Di Caprio também.



# TomorrowUSP

WE FOUND WHERE WE BELONG

## • ATRAÇÕES •

DJ TOP 1 DO BRASIL



## • OPEN BAR •



- > VODKA ABSOLUT
- > VODKA FINLANDIA
- > WHISKY JACK DANIELS
- > WHISKY JACK HONEY
- > WHISKY BALLANTINES
- > TEQUILA
- > CERVEJA SKOL
- > SKOL BEATS SENSES
- > SKOL BEATS SPIRIT
- > WELCOME DE JAGERMEISTER
- > MARIA JOANA
- > BACARDI BIG APPLE
- > GO TUBE
- > ENERGÉTICO
- > CITRUS
- > SUCOS LIV
- > REFRIGERANTES
- > ÁGUA

## • PONTO DE VENDA • • VENDA ONLINE • • INGRESSOS •

GRÊMIO POLITÉCNICO

Av. Prof. Almeida Prado, 128 - Travessa 2  
Prédio do Biênio - 1º Andar  
(a partir das 10h - de Segunda à Sexta)

**Blacktag**

1º LOTE

R\$ 65,00 - Aluno(a) Poli  
R\$ 70,00 - Não Aluno(a)

16.04 | AUDIO CLUB | 22HR

AV. FRANCISCO MATARAZZO, 694 - SÃO PAULO

REALIZAÇÃO



PRODUÇÃO

